

KAUTSKY NA PRAÇA VERMELHA?

INTRODUÇÃO

Maria Hermínia Tavares de Almeida

Na Praça Vermelha, o ritual da visita ao túmulo de Lênin é o mesmo há décadas. Quando o clima permite, no imenso vão aberto entre o Kremlin, o Museu da Revolução, o Gum e a Catedral de São Basílio, forma-se uma fila interminável e pachorrenta. Os turistas são poucos. Soviéticos — com frequência famílias inteiras — esperam, pacientes, a sua vez de dar uma rápida espiada no corpo embalsamado do líder da Revolução de Outubro. É proibido ficar parado no interior do mausoléu, onde o ar é frio e guardas carrancudos e um tanto grosseiros se encarregam de manter os visitantes sempre em movimento e em respeitoso silêncio. Os recém-casados executam um ritual à parte e têm seus privilégios. Vestidos com as roupas de núpcias e acompanhados por padrinhos, não precisam penar na fila. Fazem sua visita rápida ao velho chefe e vão colocar o *bouquet* da noiva no túmulo de algum herói da pátria socialista, enterrado entre o monumento a Lênin e as muralhas do Kremlin.

Solene e impecável é, também, a troca da guarda que vigia, imóvel, a entrada do mausoléu e é substituída a cada hora certa, pontualmente.

O ritual da visita ao mausoléu, e tudo mais que o cerca, parece ser a única coisa que não foi abalada pela grande transformação em curso na sociedade soviética. A *perestroika* não chegou à área ocupada pelo mausoléu na Praça Vermelha e Lênin continua seguro em sua pirâmide truncada. Mas só ali. Em todo o resto da URSS o que está em questão é precisamente o modelo leninista de socialismo: a propriedade estatal dos meios de produção, a planificação e gestão centralizadas da economia, a autocracia alicerçada no monopólio do poder pelo partido comunista.

A maioria dos analistas enfatizou a relação óbvia entre a *perestroika* e a falência da economia soviética, mergulhada na estagnação desde a última década brezhneviana. Esgotadas as possibilidades de crescimento extensivo, que promoveu a transformação da Rússia atrasada e recém-saída do feudalismo em potência industrial, o sistema de planejamento e

Este artigo foi concluído em janeiro de 1990. (NR)

comando centralizados começou a fazer água. Revelou-se particularmente incapaz de assegurar a expansão econômica baseada nos aumentos de produtividade do trabalho, na gestão eficiente, na geração de progresso técnico e na sua incorporação ao processo produtivo¹. A consequência foi um extraordinário atraso da URSS em face do Ocidente desenvolvido, que, no mesmo período, passava por um notável processo de modernização econômica, apoiado na ampla utilização de novas tecnologias. (Ao visitante estrangeiro causa espanto o atraso de muitos aspectos do dia-a-dia da sociedade soviética. Por exemplo: utilização generalizada do ábaco, no lugar de máquinas de calcular ou caixas automáticas, em lojas e restaurantes; o enorme esforço e paciência requeridos para fazer um telefonema internacional, por falta de um sistema de DDI de uso generalizado; ou a dificuldade para encontrar máquinas xerox onde duplicar um documento, sem falar na qualidade da cópia com muita sorte obtida.)

Na verdade, o tema da reforma econômica na União Soviética, entendida como flexibilização do sistema de planejamento e gestão centralizados, é bem mais antigo do que Gorbachev e sua *perestroika*. Ele remonta ao período de Krushev, esteve na raiz das tentativas reformistas de Libermann, no início dos anos 60, até ser sepultado sob o peso dos interesses conservadores do *establishment* burocrático que se refestelou no poder durante a era Brezhnev (1964-83). Um ensaio de liberalização política — sem a profundidade e a audácia da *glasnost* — também já havia sido esboçado durante a "desestalinização" iniciada por Krushev.

A estagnação, característica dos anos 70, acompanhada por um aumento generalizado da corrupção e da desesperança, certamente tornou a reforma do sistema econômico um objetivo mais visível e premente, aumentando o número de seus partidários nos círculos dirigentes. Todavia, a *perestroika* parece ter contado com condições *sociais* favoráveis, ausentes quando, no passado, reformas mais modestas foram ensaiadas.

Diz Moshe Lewin que a União Soviética passou por uma verdadeira revolução enquanto Brezhnev dormia, querendo com isto enfatizar a profundidade das transformações sociais operadas a despeito da gestão econômica rotineira e da inércia do regime político autocrático.

Com efeito, a União Soviética, à semelhança do Brasil, urbanizou-se com notável rapidez, deixando de ser uma nação predominantemente rural em apenas três décadas. No auge do stalinismo, no imediato pré-guerra, os camponeses formavam a maioria da população. No final dos anos 70, dois terços dos soviéticos moravam nas cidades, um terço em aglomerados de mais de 500 mil habitantes. Esta revolução urbana não planejada implicou transformações profundas na estrutura social, acentuadas pelo aumento dos níveis de escolaridade, garantido por um sistema educacional bastante desenvolvido, com impactos significativos sobre o sistema de profissões, as formas de sociabilidade e de conduta, bem como sobre aspirações e demandas materiais. (A crise habitacional é um dos sintomas da dificuldade da economia administrada para atender as necessidades geradas pela revolução urbana. Em 1989, a área média construída

(1) Galbraith observou que o socialismo funcionou muito bem para promover a industrialização pesada mas fracassou na agricultura e na produção para o consumo. "Foi na agricultura, que precisa da motivação do lavrador auto-estimulado e auto-compensado, e nas indústrias de bens de consumo, com seu número enorme de projetos, de gostos que mudam e de serviços de apoio, que o sistema de planejamento não serviu. Para atender o consumidor moderno é preciso haver comunicação direta entre comprador e produtor, e para essa comunicação o único instrumento conhecido é o mercado." (Galbraith, 1990:4)

por habitante era de 16 m². Vinte por cento dos habitantes de Moscou ainda residem em habitações coletivas. A obtenção de um apartamento, onde podem viver, apertadas, até três gerações de uma família, até agora implicou espera de mais de dez anos.)

Um sistema político que foi tomando forma no processo de gestão autoritária de uma nação de camponeses dificilmente poderia dar espaço para a expressão pública e a participação dos novos grupos sociais modelados pela urbanização. Mas, tampouco podia controlá-los com a mesma eficiência revelada no passado. No governo Brezhnev, os intelectuais dissidentes e os *samizdat* foram a expressão mais visível do descontentamento contra o regime, da ferocidade repressiva com que este o enfrentava, mas também da crescente dificuldade que tinha de sufocá-lo. A dissidência de alguma forma pôs a nu o anacronismo do sistema autocrático e colocou sobre a mesa a questão das liberdades públicas, que viriam a constituir a essência da *glasnost*.

Sob a rigidez da autocracia, a modernização social produzida pela revolução urbana não deixou de ter um impacto menos visível que o surgimento da dissidência, mas igualmente importante. Ele se fez sentir sobre a pedra de toque da estrutura de poder: o partido comunista.

O controle monopólico do poder pelo partido comunista, além de tê-lo fundido às estruturas do Estado, transformou-o na única via de acesso não só para funções de governo, mas também para um conjunto de outras posições de destaque, da direção de uma fábrica à presidência de um instituto de pesquisa ligado à Academia de Ciências. Nestas circunstâncias, pertencer ao PCUS aumentava, em muito, as chances de êxito profissional, em qualquer domínio, especialmente aqueles nos quais o trabalho era qualificado e existia uma perspectiva de carreira e benefícios a ela associados. Entre a morte de Stalin (1953) e o início do governo Gorbachev, os filiados ao PCUS passaram de 7 milhões para 20 milhões, fazendo de um em cada dez cidadãos um membro do partido (cf. Mlynar, 1987:48-49). Contingente significativo de indivíduos ligados a profissões modernas e de nível universitário² foi incorporado aos quadros partidários, aumentando o peso específico dos intelectuais, em uma organização que, sob o stalinismo, dizimara a *intelligentsia* revolucionária e, posteriormente, cultivara o anti-intelectualismo como marca registrada de sua elite dirigente (quem não se lembra das patéticas declarações de Krushev sobre a pintura abstrata?).

A história dos grupos intelectuais dentro do PCUS é pouco conhecida. Mas não há muita dúvida sobre seu papel na maturação das idéias e propostas reformistas materializadas nas políticas da *perestroika* e da *glasnost*, impulsionadas por Gorbachev, não por acaso o primeiro dirigente máximo da URSS a possuir título universitário. Abel Aganbeguian, destacado assessor de Gorbachev, pertenceu ao grupo dos economistas de Novosibirsk, que foi responsável pela modernização da Ciência Econômica soviética. Sua mulher, Tatiana Zaslavskaia, dirige um importante instituto de estudos sociológicos e produziu os primeiros trabalhos de peso sobre

(2) Mlynar estima em cerca de 30% a participação no PCUS desses estratos sociais.

a nova sociedade urbana soviética. No poderoso Instituto de Economia Mundial, da Academia de Ciências, foram elaborados os estudos que deram base à política de desarmamento de Chevarnadze e Gorbachev. Em um artigo sobre o desenvolvimento da Ciência Política soviética, Brown (1986) destaca o papel de Shakhnazarov, Burlatskii, Butenko, Chirkin, na constituição de uma problemática intelectual na qual o sistema soviético pudesse ser pensado fora dos dogmas do marxismo-leninismo oficial. O estudo de Brown é interessante por mostrar, também, algo do funcionamento das redes informais, a ligar intelectuais e membros da elite dirigente (Burlatskii, por exemplo, fazia parte do grupo de assessores de Andropov).

De outra parte, devido à sua função particular no sistema político, o partido comunista transformou-se, nas palavras de Mlynar, em um "organismo social peculiar que vincula — de maneira bem definida — o aparelho de poder com as outras camadas da sociedade" (Mlynar, 1987:48). E, ao fazê-lo, terminou por abrigar um amplo espectro de interesses sociais e de opiniões. O partido leninista disciplinado pelo centralismo e ideologicamente monolítico parece ter se transformado em uma variante peculiar (e soviética) de partido *ônibus*, autoritariamente controlado mas muito menos coeso e homogêneo no plano das opiniões políticas. Esta mudança no organismo partidário não foi percebida pela imensa maioria dos analistas especializados, dentro e fora do circuito acadêmico ocidental. A opacidade do regime criava dificuldades reais, mas não cabe dúvida de que o excessivo apego à noção de totalitarismo obliterou a percepção das tendências de mudança. Bom para compor *slogans* da guerra-fria, o conceito de totalitarismo fazia supor um regime político sem contradições e sem dinâmica, controlado com mãos de ferro por um partido comunista esclerosado pelo dogmatismo da ideologia oficial.

Não é possível entender o processo de transformação em curso na União Soviética sem tomar em conta a feição real do PCUS, muito diversa daquela desenhada pelos teóricos do totalitarismo. A *perestroika* e a *glasnost* constituem uma *autêntica reforma "pelo alto"* iniciada, impulsionada e dirigida a partir de dentro do partido comunista, por uma parcela da elite dominante. Mesmo quando ela libera forças que o partido não pode controlar.

O processo da reforma guarda suas marcas de origem. De um lado, paga um tributo alto ao passado, às tradições soviéticas, à ideologia oficial. A ruptura é feita em nome da continuidade, a crítica do socialismo leninista é recheada de citações do profeta bolchevique. A negociação é grande entre as forças do conservadorismo e as da mudança. Por outro lado, as duas vertentes da reforma se desenvolvem como ritmo próprio e diferente. A reforma econômica não avança, está travada. O pouco que foi feito serviu mais para desorganizar o velho sistema em crise do que para pôr a funcionar formas novas de produção e gestão. As dificuldades de reestruturação econômica ajudaram a acelerar a liberalização política e dar o impulso inicial ao complicado debate sobre a construção de insti-

tuições democráticas. A União Soviética vive hoje sob um regime não democrático, mas de amplas liberdades públicas.

Os artigos que publicamos a seguir iluminam facetas desse processo complexo e fascinante de transformação. Lenina Pomeranz esmiúça a nova legislação sobre as formas de propriedade, indício da intenção de reestruturação profunda do sistema socialista e da indefinição quanto ao que se quer colocar em seu lugar. Nikolai Popov aborda o ponto nevrálgico da reforma política: a constituição e funcionamento da estrutura de poder que se foi constituindo desde os dias de Lênin. Seu artigo tem especial interesse pelo que revela sobre a feição assumida pelo debate político em curso na União Soviética. Lança mão de farta citação de Lênin para tratar de uma questão que o fundador do Partido Bolchevique não só não enfrentou como ajudou muito a confundir: o tema das instituições e formas através das quais o poder político é exercido. Popov usa Vladimir Ilich para falar das formas de governo, problema que os marxistas, preocupados com a natureza de classe do poder, consideraram irrelevante, mas que ocupou a atenção de liberais e democratas desde Stuart Mill. Finalmente, incluímos um depoimento do filho de Kamenev. Ele dá um testemunho comovente do caminho já percorrido pela *glasnost*: a ampliação das liberdades públicas e o debate aberto sobre o socialismo real, com a revisão necessária do passado, inclusive dos piores crimes cometidos em nome da revolução soviética. Para completar publicamos um debate de intelectuais chineses, pouco antes do massacre da Praça da Paz Celestial, que ilumina aspectos de um processo truncado de reforma do socialismo.

Cada qual à sua maneira, os artigos espelham as incertezas que cercam a grande experiência soviética — e, por conseqüência, do antigo bloco socialista, hoje em plena explosão.

Na URSS as forças reformistas, que constituem uma coalizão heterogênea, sabem apenas que não desejam mais o "modelo leninista de socialismo", mas dizem pouco sobre o que esperam pôr em seu lugar. A pergunta sobre afinal em que consiste o "socialismo de mercado" raramente encontra resposta precisa. Tampouco estão claros os contornos da democracia que se quer construir. Pluripartidarismo, eleições competitivas e princípio da alternância no poder são motivos de controvérsia entre os membros da elite reformadora. Apenas os representantes do reformismo mais radical, que hoje possuem uma aguerrida bancada no Congresso de deputados, quando questionados, terminam por mencionar como ideal a Suécia — ou seja, o capitalismo remodelado pela social-democracia. Se for deles a vitória, talvez o *renegado Kautsky* termine instalado na Praça Vermelha. Mas esta é apenas uma possibilidade: a mais difícil e remota. Neste terreno, mais que em qualquer outro, as previsões são arriscadas. A crise do socialismo real inaugurou um processo de transição inédito e, portanto, sem rumo conhecido, sem destino seguro e sem modelos que o expliquem. Ela coloca um desafio intelectual de bom tamanho. Mas também um desafio político; pelo menos para aqueles para os quais os valores que deram forma à utopia socialista não perderam sentido.

REFERÊNCIAS

Art Brown. "Political Science in the USSR", *International Political Science Review*, 7(4), 1986, Sage Publications, pp. 443-481.

John Kenneth Galbraith. "Crenças Compulsórias e Crenças Convenientes", *Idéias Ensaios*, nº 28, *Jornal do Brasil*, 14/01/90.

Zdenek Mlynar. *Projeto Gorbachev*, parte I, S. Paulo, Ed. Mandacaru, 1987.

Maria Hermínia Tavares de Almeida é professora do Departamento de Ciência Política da USP. Já publicou nesta revista "Direitos Sociais, Organização de Interesses e Corporativismo no Brasil" (Nº 25).

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 26, março de 1990
pp. 159-163
